

Bem aventurados os Humildes de Espírito

Passamos agora a considerar a primeira das bem-aventuranças: **Mateus 5:3 Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.** Não é para surpreender que essa seja a primeira das bem-aventuranças, porquanto, conforme veremos, é evidente que ela serve de chave para a compreensão de tudo quanto vem em seguida.

Conforme já falamos as bem-aventuranças foram arrumadas em uma sequência bem definida. Nosso Senhor não as colocou em suas respectivas posições por mero acaso, acidentalmente; antes, há nelas aquilo a que poderíamos denominar de sequência lógica e espiritual. Necessariamente, essa é a primeira das bem-aventuranças devido à excelente razão que ninguém pode entrar no reino de Deus, também chamado reino dos céus, a menos que seja possuidor da qualidade nela expressa. No reino de Deus não existe sequer um participante que não seja "humilde de espírito". Essa é a característica fundamental do crente, do cidadão do reino dos céus; e todas as demais características são, em certo sentido, resultantes dessa primeira qualidade. Na medida em que formos avançando na exposição dessa bem-aventurança, verificaremos que ela indica, realmente, um esvaziamento, ao passo que as demais apontam para uma plenitude. Não poderemos ser cheios enquanto não formos primeiramente esvaziados. Não se pode encher de vinho novo um odre cujo conteúdo ainda não tenha sido despejado. Essa, pois, é uma das afirmativas que nós fazemos recordar que existe uma espécie de esvaziamento antes que possa haver um enchimento. O Evangelho sempre exhibe essas duas facetas; há o derribamento e há também a edificação. Você deve estar lembrado das palavras ditas pelo idoso Simeão, quando nosso Senhor e Salvador, que então era apenas um bebê, estava aninhado em seus braços. Declarou Simeão: **Lucas 2:34 Eis que este é posto para queda e elevação de muitos.** O aniquilamento vem antes da elevação. Portanto, faz parte essencial do Evangelho o fato que a convicção de pecado sempre deve anteceder a conversão; o Evangelho de Cristo condena o pecador antes de libertá-lo. Não existe mais perfeita declaração da doutrina da justificação exclusivamente pela fé do que essa primeira bem-aventurança, que afirma: **Mateus 5:3 Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.**

Por conseguinte, ela é fundamental no que concerne a tudo quanto aparece em seguida.

Essa bem-aventurança serve de teste esquadrinhador da alma de cada um de nós.

Logo de saída, ela condena toda a idéia acerca do Sermão do Monte que conceitua o mesmo em termos de algo que você e eu possamos fazer sozinhos, que você e eu possamos realizar por nós mesmos. Essa bem-aventurança nega tal possibilidade logo de saída. Essa bem-aventurança condena aqueles que encaram o

Sermão do Monte como se fora uma nova legislação. Pensava-se também no Sermão do Monte como se fosse sugestões que os homens poderiam aplicar sem qualquer ajuda. Bastaria que se pregasse o Sermão do Monte para que os homens, ato contínuo, pusessem em prática os seus preceitos. Tal ponto de vista, nega inteiramente o pressuposto base do Sermão do Monte, isto é, essa necessidade de sermos "humildes de espírito".

O Sermão do Monte nos diz: Eis o monte que você precisa escalar, ao qual sem a ajuda do Espírito você não pode fazer sozinho. Nós somos totalmente incapazes dessa façanha, e que qualquer tentativa nessa direção tão-somente serve de prova de que não compreendeu o espírito desse sermão.

A primeira bem-aventurança condena, logo no início do Sermão do Monte, a perspectiva que o considera um programa para o homem natural pôr imediatamente em ação, sem que tenha havido qualquer transformação em sua pessoa.

Antes de prosseguirmos a fim de abordarmos o Sermão do Monte de conformidade com um ponto de vista mais espiritual, há uma questão que precisa ser levada em conta, no que concerne à tradução do versículo que ora consideramos. Existem aqueles que dizem que este versículo deveria ter sido traduzido como segue: "Bem aventurados em espírito são os pobres" e, consideram as palavras desta bem-aventurança um elogio à pobreza. Um homem pobre não está mais próximo do reino dos céus do que um homem rico, se é que estamos falando deles como homens naturais. Não há mérito nem vantagem na pobreza. A pobreza não serve de garantia da espiritualidade. Há muitas pessoas pobres que dependem das riquezas exatamente como o fazem muitas pessoas ricas. Dizem essas pessoas: "Se ao menos eu possuísse tal ou qual quantia"; e então invejam os ricos. Ora, se alguém é dotado dessa atitude, não pode ser espiritualmente abençoado. São Francisco de Assis tinha essa opinião e entendia que somente um indivíduo assim, e outros de sua categoria, é que se conformam aos requisitos dessa primeira bem-aventurança.

Nosso Senhor visava aqui o espírito e a sua motivação. Talvez não exista outra afirmação bíblica que tanto saliente e enfatize a diferença entre o reino dos céus e o reino do mundo. Temos nesse ensino alguma coisa que o mundo não somente não admira, mas também despreza. A grande ênfase do mundo é a crença na autodependência, na autoconfiança e na auto-expressão!

Na literatura secular o ensino é que se alguém quiser vencer neste mundo, então que acredite em si mesmo. Um bom vendedor por exemplo tem que dar a impressão de confiança própria e de segurança pessoal.

É fundamentada nessa crença que muitos homens estão imaginando que poderão fazer o reino de Deus tornar-se uma realidade no mundo. Essa é a mesma base daquele fatal pressuposto que assevera que uma sociedade perfeita poderia ser instalada na terra através de atos do governo.

Infelizmente essa bem-aventurança além de não ser aceita no mundo, também não o é popular na Igreja de nossos dias.

Quando se lêem os relatórios das atividades dos maiores obreiros cristãos do passado, dos maiores evangelistas e de outros, pode-se observar quão modestos eles se mostravam. Hoje em dia, entretanto, estamos passando por aquilo que é a quase total reversão dessa antiga atitude. A promoção própria, ou o emprego de muitas fotografias estão sendo postos em primeiro plano.

II Coríntios 4:5 Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus.

Conforme esclareceu o apóstolo, quando ele esteve em Corinto, fê-lo em "... fraqueza, temor e grande tremor ... " (I Coríntios 2:3).

Paulo não subia na plataforma com uma atitude confiante, seguro e desembaraçado, dando a impressão de ser alguém dotado de forte personalidade. **I Coríntios 2:3 A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder,** Pelo contrário, as pessoas comentavam a seu respeito: **II Coríntios 10:10 As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas a presença pessoal dele é fraca, e a palavra, desprezível.**

A "humildade de espírito" não é popular nem mesmo dentro da Igreja, e nós os crentes precisamos repensar acerca dessas questões. Evitemos aceitar as coisas pela mera aparência; acima de tudo, evitemos ser cativados pela psicologia humana; e tomemos consciência, desde o início, de que estamos dentro de um reino diferente de tudo quanto pertence a este "presente mundo mau".

Que significa ser alguém humilde de espírito?

Ser "humilde de espírito" não quer dizer que deveríamos ser tímidos e fracalhões, e nem significa que deveríamos ser retraídos, fracos ou acovardados. É fácil reconhecer as pessoas naturalmente modestas, as quais, longe de se imporem aos outros, sempre se conservam em segundo plano. Mas lembre-se que não estamos tratando de características naturais. Os "humildes de espírito", por conseguinte, não são aqueles indivíduos que já nasceram assim. Conta-se uma história de um pregador que foi pregar em uma cidadezinha. Quando chegou, no sábado à noite, um homem já estava à sua espera, na estação. Imediatamente ele pediu para que eu ele entregasse a sua bagagem; na verdade, quase a arrancou à força de sua mão. Em seguida, falou mais ou menos nestes termos: "Sou diácono da igreja onde o senhor irá pregar amanhã". E juntou: "Eu sou um mero João Ninguém, uma pessoa sem a mínima importância. Eu não sirvo para nada. Não sou nenhum grande vulto da Igreja; sou apenas um daqueles que transportam a bagagem do pastor". Ele ansiava para que o pregador soubesse quão humilde ele era, quão "humilde de espírito" ele era.

Todavia, por meio da ansiedade que de-monstrava para que ele reconhecesse isso, ele negava exatamente o que procurava estabelecer. O homem que, por assim dizer, gloria-se dessa forma em sua humildade de espírito, mediante tal atitude apenas prova que não é humilde. Tudo não passa de uma atitude afetada, algo que, como é óbvio, aquela pessoa não está sentindo. Esse é um perigo que ameaça a muitas pessoas.

O homem que é "humilde de espírito" não precisa preocupar-se tanto com sua aparência pessoal e com a impressão que esteja causando em outros; pelo contrário, sempre dará a impressão certa.

Muitas pessoas acham que alguém só é "humilde de espírito" quando faz algum notável sacrifício pessoal ou aquele que, seguindo o exemplo dos monges, retira-se desta vida secular. Entretanto, não é esse o método bíblico. Ninguém precisa retirar-se da vida ativa a fim de poder tornar-se "humilde de espírito". A mudança exigida é no âmbito do espírito.

Vemos alguns aspectos negativos da questão, quais seriam então os aspectos positivos dessa qualidade da "humildade de espírito"?

Penso que a melhor maneira de respondermos a essa indagação é fazê-lo através de termos bíblicos.

Isaías 57:15 Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos.

Essa foi a atitude de um homem como Gideão, por exemplo, o qual, quando o Senhor lhe enviou um anjo para anunciar-lhe o grande feito que ele estava prestes a realizar, objetou: "Não, não; isso é impossível. Pertencço à menor tribo de Israel e à menor família dessa tribo". O homem soberbo não age assim. Gideão, porém, realmente acreditava no que dizia, encolhendo-se diante da própria idéia de grandeza pessoal e das honrarias que haveria de receber.

Outro exemplo é o de Moisés, o qual se sentia inteiramente indigno da tarefa que lhe foi dada, porquanto tinha consciência de sua inadequação e insuficiência. Também se vê idêntica atitude em Davi, quando disse: "Senhor, quem sou eu, para que venhas a mim?" Para ele, a visita divina era simplesmente inacreditável. e deixava-o sem palavras. Nota-se exatamente a mesma atitude no profeta Isaías. **Isaías 6:5 Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!**

É isso que significa ser "humilde de espírito", e essa atitude pode ser detectada por todas as páginas do Antigo Testamento. Todavia, examinemos agora a questão no Novo Testamento. A humildade de espírito pode ser claramente vista, por exemplo, em um homem como o apóstolo Pedro, que era, por natureza, um homem agressivo, que se impunha aos seus semelhantes e era dotado de forte confiança própria, um típico

indivíduo do mundo de nossa época, extravasando confiança própria e crendo em suas próprias forças. Contudo, contemplemos Pedro quando ele realmente viu ao Senhor. **Lucas 5:8 Vendo isto, Simão Pedro prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador.** E mesmo com as divergências que tinha com o Ap. Paulo afirma: **II Pedro 3:14-16 Por essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos por serdes achados por ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis, e tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles.** . Diante de atitudes como essa ele jamais deixou de ser um homem de grande ousadia; nunca se mostrou um fracalhote, um tímido. Quanto a isso, ele jamais mudou. Sua personalidade essencial não se alterou; ao mesmo tempo, porém, ele se tornou um homem "humilde de espírito".

Também podemos perceber essa atitude no apóstolo Paulo. Ele era homem igualmente dotado de tremendas potencialidades, e, como homem natural, tinha plena consciência delas. Entretanto, quando lemos as suas epístolas, damos-nos conta de que a sua grande luta, até ao fim de seus dias, foi a luta contra o orgulho pessoal. Qualquer pessoa dotada de grandes potencialidades geralmente toma consciência das mesmas; à semelhança de Paulo, tal pessoa sabe que pode realizar grandes feitos. Paulo diz-nos isso no grande terceiro capítulo de sua epístola aos filipenses, onde ele se reporta à sua anterior confiança na carne. Depois que viu ao Senhor ressurrecto, na estrada para Damasco, tudo o mais se transformou em pura "perda". No entanto, esse homem de tão tremendas capacidades, apareceu em Corinto, conforme lembramos antes, em "fraqueza, temor e grande tremor". Essa foi a sua posição desde o princípio; e, ao dar andamento à tarefa da evangelização, perguntou ele: **II Coríntios 2:15-16 Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem. Para com estes, cheiro de morte para morte; para com aqueles, aroma de vida para vida. Quem, porém, é suficiente para estas coisas? .**

Se houve algum homem que tinha o direito de sentir-se "suficiente", esse homem foi Paulo. Não obstante, ele se sentia "insuficiente", porquanto era homem "humilde de espírito".

Mas, naturalmente, podemos perceber essa atitude, acima de todos, na vida mesma de nosso Senhor. Ele sendo Deus se tornou Homem. **Romanos 8:3-4 Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado, a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.** E embora continuasse

sendo igual a Deus, não se apegou a sua divindade. Jesus enquanto esteve nesse mundo, viveu como um mero homem, ainda que jamais tivesse deixado de ser Deus. **João 8:28 Disse-lhes, pois, Jesus: Quando levantardes o Filho do Homem, então, sabereis que EU SOU e que nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou.** A sua vida de oração é a aplicação prática, e a observando nos conscientizamos das muitas e muitas horas que Ele passava em oração.

Isso, pois, é o que se deve entender por "humildade de espírito". Essa qualidade aponta para a completa ausência de orgulho pessoal, para a completa ausência de segurança própria e autodependência. Ela indica a consciência de que nada representamos na presença de Deus, Portanto, não é algo que possamos produzir por nós mesmos; não é algo que possamos fazer por conta própria. Pelo contrário, é aquela tremenda tomada de consciência de nossa própria nulidade, quando chegamos a enfrentar Deus face a face. Isso é ser "humilde de espírito".

Ser humilde de espírito significa que, se alguém é crente autêntico, então não está dependendo dos seus dotes naturais, que lhe vêm do berço. Os humildes de espírito não dependem do fato que pertencem a determinadas famílias; não se vangloriam de pertencer a certas raças ou nacionalidades. Essas pessoas também não edificam as suas vidas sobre o alicerce do seu temperamento natural. Nem acreditam que haja alguma vantagem em sua posição natural na vida, e nem dependem disso ou de quaisquer potencialidades que lhes hajam sido conferidas. A pessoa que é humilde de espírito não depende do dinheiro ou de quaisquer riquezas de que porventura seja possuidora.

Se formos humildes de espírito, então não dependeremos da educação recebida, nem da escola ou faculdade particular que tivermos frequentado, Não, porquanto todas essas coisas constituíam aquilo que Paulo apontava de "perda", pelo contrário, essas coisas serviam a Paulo apenas de empecilhos para maiores realizações, visto que elas tendiam por dominá-lo e controlá-lo.

Por semelhante modo, não dependeremos de quaisquer dotes naturais de "personalidade", de inteligência ou de habilidades gerais ou particulares.

Não dependeremos, por igual modo, de nossa própria moralidade, conduta ou bom comportamento.

Não apelaremos, em nenhum sentido, para a vida que temos vivido ou que estamos tentando viver.

Não, mas consideraremos todas as coisas da mesma maneira como Paulo as considerava. É nisso que consiste a "humildade de espírito". Precisamos gozar de completa libertação de todas essas coisas, e todas elas precisam estar ausentes de nossas vidas,

Repito, ser humilde de espírito é sentir que nada somos, que nada temos, e também que olhamos para Deus em total submissão a Ele, dependendo inteiramente de Sua misericórdia, de Sua graça. Digo que ser humilde

de espírito é experimentar, embora parcialmente, aquilo que Isaías experimentou quando, havendo recebido a sua grandiosa visão, exclamou: "Ai de mim!... porque sou homem de lábios impuros ... " - isso é "humildade de espírito", Quando nos vemos em competição com outras pessoas deste mundo, dizemos: "Sou capaz de competir com elas". Pois bem, no que se refere a este mundo, essa atitude talvez seja muito boa, mas não em relação a alguém que é nascido de novo.

- Pareço-me com essa descrição?
- Sou mesmo humilde de espírito?
- Como é que me sinto a meu respeito, quando penso em termos de Deus e na presença de Deus?
- Em minha vida diária, quais são as coisas que costumo dizer, sobre o que costumo orar e o que costumo pensar sobre mim mesmo?

Isso posto, como é que alguém se torna "humilde de espírito"? A resposta a essa indagação é que não olhemos para nós mesmos, e nem comecemos a tentar fazer as coisas por nossas próprias forças. Esse foi o erro do monasticismo. Em seu desejo de realizar tal feito, aquela pobre gente pensava: "Preciso evitar o convívio da sociedade, preciso sacrificar a minha própria carne e fazê-la sofrer privações, preciso mutilar o meu corpo".

A única maneira de alguém tornar-se "humilde de espírito" é voltando os olhos para Deus.

Leia o grande Livro que versa sobre Deus, examine a Sua lei, verifique o que Ele espera de nós, imagine-se de pé diante dEle. Ser humilde de espírito, por semelhante modo, é contemplar ao Senhor Jesus Cristo, vendo-O conforme Ele é descrito nos Evangelhos. Quanto mais assim fizermos, tanto mais compreenderemos a reação dos apóstolos, que ao contemplar a Jesus Cristo e qualquer coisa que Ele acabara de realizar, exclamavam: **Lucas 17:5 Então, disseram os apóstolos ao Senhor: Aumenta-nos a fé.** Eles perceberam que a sua fé era insignificante. Sentiram que a fé era fraca e pobre. "Senhor, aumenta-nos a fé. Pensávamos que tínhamos alguma fé, porquanto expulsávamos demônios e pregávamos a Tua Palavra; mas agora percebemos que nada temos; aumenta-nos a fé.

Olhe para Jesus Cristo; e quanto mais você fixar nEle os olhos, tanto mais você se sentirá nulo em si mesmo, e tanto mais "humilde de espírito" você se tornará. Olhe para Ele, continue olhando para Ele. E então você poderá dizer para o Senhor:

- Nada trago em minha mão, Só na Tua cruz me agarro. Vazio, desamparado, nu e vil. Entretanto, Ele é o Todo-suficiente, Sim, tudo quanto me falta em Ti encontro, Oh, Cordeiro de Deus, venho a Ti.